



Foto: Getty Images

SOCIEDADE

“Todos vamos ser poucos para ajudar a resolver o problema que ficou a descoberto”: Hélder Mota Filipe, candidato a bastonário dos farmacêuticos

Ordem dos Farmacêuticos vai ter novo bastonário. Profissionais estão a votos até dia 5 e há dois candidatos. Em Lisboa, concorre o antigo

presidente do Infarmed e professor da Faculdade de Farmácia Hélder Mota Filipe

15:52 28 Janeiro, 2022 | Vera Arreigoso

Expresso

#liberdadeparainformar

SITE PROVISÓRIO

Menu

COVID-19 LEGISLATIVAS 2022 ∨ ECONOMIA POLÍTICA INTERNACIONAL SOCIEDADE

CULTURA TRIBUNA BLITZ PODCASTS

Menu



Esteve 12 anos no Infarmed, está muito ligado ao medicamento. Porquê candidatar-se à Ordem dos Farmacêuticos e dedicar-se à regulação da profissão?

Sou farmacêutico e as funções que tive no Infarmed e na Comissão de Ética para a Investigação Clínica resultam dessa formação. Sempre estive ligado à profissão e o que me fez achar que posso dar mais um contributo é o momento único que estamos a viver, provavelmente o mais complicado do ponto de vista do sistema de saúde, e que terá momentos muito exigentes. Temos dificuldade em dar resposta às necessidades. O sistema já vinha com limitações e com a pandemia tornou-se mais premente ajudar o Serviço Nacional de Saúde (SNS) a cumprir a sua missão. Todos vamos ser pouco para ajudar a resolver o problema que ficou a descoberto.

O mudou no exercício da profissão com a pandemia?

Surgiram um conjunto de mecanismos para dar resposta, como o acesso na farmácia a medicamentos que eram de uso hospitalar ou a realização dos testes à covid, por exemplo.

Houve reforço de farmacêuticos no SNS para acudir à pandemia?

Houve, mas a proporção de farmacêuticos não foi igual à de outros profissionais de saúde nem chegou para cobrir as necessidades. E agora temos outro problema: gerir o futuro desses profissionais que foram contratados e que demonstraram que fazem falta.

Sabe quantos foram?

Não tenho esse número, mas tenho visitado diversos hospitais e é constante o comentário dos colegas de que não são suficientes. É um dos aspetos a que terei de ter atenção enquanto bastonário logo na primeira reunião com a tutela. Os farmacêuticos são uma classe pouco expressiva em número no SNS mas muito expressiva para a garantia do bom funcionamento do sistema. Sem farmacêuticos não há acesso a medicamentos e são eles que gerem 20% do orçamento do SNS.

Foi pedida alguma contenção na utilização de fármacos durante a pandemia?

Não, e tenho a certeza disso pelas conversas que vou tendo com os colegas. Aliás, no início da pandemia foram utilizados medicamentos a mais e até em situações menos adequadas, a testar medicamentos que pudessem ter algum potencial de tratamento para os doentes em situações mais complicadas em cuidados intensivos.

Ao invés, nas farmácias vamos tendo cada vez mais falhas no abastecimento.

É verdade. É um problema multifatorial. Há falhas de abastecimento por razões de fabrico ou de retirada do mercado porque os produtos estão obsoletos ou o preço não compensa. Durante a pandemia agudizou-se, até por razões logísticas. Já não é um problema, voltou ao estado basal.

Qual é a sua prioridade se for eleito bastonário?

Há dois tipos de prioridades: a relação dos farmacêuticos com a sociedade e a relação com a Ordem. Precisamos de desenvolver a profissão para responder às necessidades da sociedade a partir de mecanismos mais robustos de subespecialização, com novas competências que gerem novos serviços, e que sejam reconhecidos. Temos muito voluntarismo dos profissionais – agora com os testes, mas já tinha acontecido com a vacinação contra a gripe e com a troca de seringas – e não é um bom princípio. Por exemplo, doentes crónicos passam a vida no centro de saúde para deixar no guichet o pedido para renovar a terapêutica e os farmacêuticos podem, e devem, prestar esse serviço. Mas precisam que esse serviço seja formalmente reconhecido, remunerado de acordo com a mais-valia que gera e criadas condições de comunicação com os colegas nos cuidados primários e hospitalares para ser possível referenciar o doente de forma quase automática.

“É fundamental a partilha de dados clínicos (...) as farmácias estão

informatizadas e os serviços também, portanto, não é um problema técnico, é um problema de decisão política”

Isso implica aceder aos dados clínicos dos doentes...

É fundamental a partilha de dados clínicos para a decisão correta do ponto de vista técnico. As farmácias estão informatizadas e os serviços de saúde também, portanto, não é um problema técnico, é um problema de decisão política. Os dados clínicos são dos doentes e são eles que têm a autoridade para decidirem se querem partilhar os dados entre serviços e profissionais. Neste momento, mesmo que o quisessem, não é possível porque os sistemas, incluindo de hospitais, não falam uns com os outros.

E quem pagaria esses serviços, o Estado ou o utente?

Teria de ser discutido, mas só terá razão de ser se o serviço gerar valor. É o que se faz com a comparticipação dos medicamentos e que se fez com a troca de seringas: as farmácias são pagas de acordo com a mais-valia demonstrada na prevenção de infeções.

Que novas competências são importantes para a diferenciação dos farmacêuticos?

Precisamos de desenvolver a farmácia hospitalar. Temos farmacêuticos residentes nos serviços de oncologia, cuidados

intensivos e noutras áreas e é preciso reconhecer e diferenciar esses colegas em especialidades clínicas. Na farmácia comunitária também são precisos novos serviços, por exemplo na vacinação, na testagem...

Faz sentido que a vacinação covid, cada vez mais regular, fique fora das farmácias?

Desde o princípio, que defendo a participação ativa porque cada vez que precisamos de vacinar, precisamos de o fazer a um número máximo de pessoas no menor tempo possível e não podemos ignorar toda a capacidade instalada nas farmácias para que as vacinas cheguem aos braços dos utentes. Temos três mil postos de vacinação espalhados por todo o país, com acesso fácil, e é uma riqueza que não pode ser desperdiçada.

Os próprios médicos dizem que a sua presença nos centros de vacinação é agora desnecessária.

Exatamente. Conhecemos muito bem o perfil destas vacinas, administradas a milhões de pessoas. Não faz sentido ter médicos residentes em cada centro quando estamos a dar segundas ou terceiras doses. Além disso, as vacinas contra a covid têm um perfil de segurança sobreponível ao das vacinas da gripe e as reações adversas, quer em frequência quer em tipo, são igualmente idênticas. Se as farmácias estão equipadas e preparadas para gerir reações adversas agudas da gripe também estão para fazê-lo na covid.

Estamos a formar os farmacêuticos de que precisamos?

Continuamos a não ter desemprego, mas temos uma degradação das condições de desempenho da atividade no SNS, nas análises clínicas e na farmácia comunitária em termos de horários e de

salários, com condições de trabalho que começam a criar problemas deontológicos. Por isso, um maior acompanhamento do ponto de vista deontológico e ético é uma das medidas do nosso programa.

“Há farmacêuticos estimulados a práticas menos deontológicas. Por exemplo, metas comerciais”

A que problemas se refere?

Há relatos de farmacêuticos que são estimulados a adotar práticas menos deontológicas. Por exemplo, com o estabelecimento de metas comerciais que não são compatíveis com o correto do exercício profissional.

Há farmácias que pressionam a dispensada de marcas, volume de vendas?

Sim. Pontualmente, há farmacêuticos sujeitos a esse tipo de pressões. Tenho queixas e não há um perfil de farmácias onde esteja a acontecer, os casos são diversos. As pressões são na dispensa por indicação ou aconselhamento farmacêuticos. Não é só o doente levar produtos a mais, é também haver dispensa. Muitas vezes, o mais adequado é não dispensar, por exemplo

quando o doente pede o que não está indicado para a situação que descreve.

Falta que perfil de farmacêuticos?

Precisamos de farmacêuticos com formação para as novas tecnologias do medicamento, como a engenharia genética ou de tecidos, e mais clínica, para a interação com o doente. Não é muito fácil mas estamos a apostar na simulação clínica, na aviação já se usa há muito tempo, para treinar a abordagem clínica dos problemas e a Ordem tem de ser mais enfática com as faculdades.

Significa ter simuladores como os que existem em medicina?

Sim. O que difere são as questões. Por exemplo, um simulador de um doente com problemas de reações adversas, interações ou de ajuste de doses.

As novas competências dos farmacêuticos podem ter a oposição dos médicos?

Há sempre esse risco se a gestão do problema não for feita de forma adequada. Temos de conversar, perceber quais são as limitações e as fronteiras entre uns e outros. Se todos olharem para cima, para o doente, e não para o lado, vamos conseguir trabalhar em conjunto. Os farmacêuticos têm um papel muito importante para apoiar as decisões que vão ter de ser tomadas, nomeadamente ao nível da inovação terapêutica: com medicamentos que custam milhões de euros.



“Tenho a certeza de que as comissões de farmácia e terapêutica dos hospitais fazem o julgamento clínico e nunca chegámos a uma situação de racionamento”

Somos muito poupados? Fazemos a avaliação correta?

Tenho a certeza de que as comissões de farmácia e terapêutica dos hospitais fazem o julgamento clínico e nunca chegámos a uma situação de racionamento. Continuamos a não ser restritivos.

E são permeáveis à pressão pública, como aconteceu em casos recentes?

Não é fácil resistir, mas é possível e resiste-se. As decisões que são tomadas têm um julgamento clínico puro. Todos os dias, há autorizações excepcionais diferidas e rejeitadas e todas são tratadas como urgências hospitalares, com pessoas aos fins de semana a fazer as avaliações.

O seu programa é muito direcionado para os jovens. Como espera conseguir o voto dos profissionais mais velhos?

Um farmacêutico é um farmacêutico e tem o mesmo perfil porque tem a mesma função. A Ordem quer trazer os mais jovens porque nunca se aproximaram, ao contrário dos mais velhos. Os mais novos têm uma tendência para se organizarem de forma inorgânica e quero que se aproximem, discutam e mudem a Ordem por dentro.

“Gerimos pessimamente a comunicação (durante a pandemia), e continuamos a fazê-lo. Comunica-se sem explicar como e porquê e muitos vezes é difícil entender as razões para a tomada de decisão”

Gerimos bem a pandemia?

Gerimos bem a logística, conseguindo uma taxa de vacinação que nos orgulha e tivemos uma população exemplar que aderiu à vacina, e gerimos pessimamente a comunicação, e continuamos a fazê-lo. Comunica-se sem explicar como e porquê e muitas vezes é difícil, incluindo para os profissionais, entender as razões para a tomada de decisão. Preocupa-me também a dedicação do

esforço dos profissionais à covid, deixando de parte as outras doenças.

E as farmácias têm sido uma porta onde os portugueses vão bater vão quando precisam de ajuda.

E devem continuar. Os serviços de saúde estão sob uma pressão imensa e tudo o que possa ser resolvido sem os utilizar deve ser feito. O Estado não pode começar por negar a importância das farmácias e depois perceber que, afinal, precisa da sua ajuda. É importante que as farmácias sejam uma porta e não uma parede para o sistema e, para isso, é precisa comunicação dentro do sistema e partilha de dados para que o doente fique bem tratado.

Em Destaque

LEGISLATIVAS 2022, POLÍTICA

O quarto melhor PS de sempre segurou os votos da esquerda, a direita subiu 549 mil votos, mas com o PSD quase igual (a história das legislativas em números)

07:30 31 Janeiro, 2022 | David Dinis

ECONOMIA

PIB cresce 4,9% em 2021, acima das expectativas

09:38 31 Janeiro, 2022 | Rita Robalo Rosa

TRIBUNA

Em direto: Alvalade espera por Marcus Edwards, Rúben Semedo perto do FC Porto (acompanhe aqui o último dia do mercado de transferências)

10:27 31 Janeiro, 2022 | Hugo Tavares da Silva, Lídia Paralta Gomes e Pedro Barata

LEGISLATIVAS 2022, POLÍTICA

E agora? Quando é que há Governo? E Orçamento? Um guia em 7 passos

00:41 31 Janeiro, 2022 | David Dinis

EXPRESSO DA MANHÃ

O futuro dos líderes visto pelos próprios

BLITZ

A maioria absoluta de Bryan Adams na Altice Arena. Em Portugal o canadiano está sempre em casa

02:44 31 Janeiro, 2022 | Lia Pereira

INTERNACIONAL

Chuva de répteis: por que motivo estão as iguanas a cair das árvores nos Estados Unidos?

11:13 31 Janeiro, 2022 | Expresso

PUBLICIDADE

Pesquisar ...

Últimas

Inflação em Portugal acelera para 3,3% em janeiro

Podcaster Joe Rogan reage ao boicote de Neil Young ao Spotify. “Nem sempre acerto. Vou dar o meu melhor para equilibrar as coisas”

Chuva de répteis: por que motivo estão as iguanas a cair das árvores nos Estados Unidos?

Era inevitável

Taxa de desemprego cai para 5,9% em dezembro

Opinião



Era inevitável



A mudança estrutural: o declínio comunista, a ascensão liberal



Hoje é dia de Santa Marcela, mas não de São Marcelo; e de São Pedro Nolasco, mas não de São Pedro Nuno



Costa conseguiu tudo o que queria há muito tempo



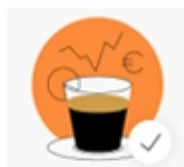
Três notas breves sobre uma enorme vitória

Newsletters

Subscreva gratuitamente as newsletters do Expresso e comece a receber a melhor informação dos nossos editores



**Expresso
Curto**



**Expresso
Economia**



**Expresso
Diário**

... e mais. Subscreva aqui.

Conteúdos patrocinados



Novo Peugeot 308: sensações únicas

[Política de Privacidade](#) [Política de cookies](#) [Termos de utilização](#) [Estatuto Editorial do Expresso](#)
[Configurações de privacidade](#)

©2022 Expresso